

## A RECEPÇÃO BRASILEIRA A FILMES PORTUGUESES DURANTE O ADVENTO DO CINEMA SONORO (OU A SEVERA CONQUISTA O BRASIL)

Carlos Roberto de Souza<sup>1</sup>

**Resumo:** Num mercado brasileiro dominado pelas distribuidoras norte-americanas, os filmes portugueses tiveram modesta presença durante o período silencioso. Com o advento do cinema sonoro, acreditava-se na impossibilidade de o público brasileiro aceitar filmes falados no português de Portugal. A exibição de *A Severa* (Leitão de Barros, 1931) deitou por terra a objeção. O filme não apenas teve um sucesso estrondoso como abriu espaço – pequeno e efêmero – para a exibição de outros filmes sonoros feitos em Portugal.

**Palavras-chave:** Cinema sonoro; cinema português; mercado exibidor; Brasil.

**Contato:** ca.roberto2012@gmail.com

Desde o final da década de 1910, encontramos registros de exibição de filmes longos portugueses no mercado cinematográfico brasileiro – já dominado pelas agências distribuidoras norte-americanas estabelecidas no Brasil a partir de meados dessa década. Poucos filmes, em geral da Invicta, e geralmente julgados medíocres pela revista *Para todos...* Escapa da classificação, exibido em 1921, *Os Fidalgos da Casa Mourisca*, considerado parâmetro para o cinema brasileiro. *Amor de perdição*, exibido em 1922, tem “grande sucesso”, segundo a mesma revista (*Para todos*, 5-VIII-1922).

A presença do cinema em *Para todos...* cresce tanto que, em 1926, sua casa editora resolve lançar uma revista exclusivamente cinematográfica: *Cinearte*, importante para a pesquisa sobre cinema no Brasil durante as décadas de 1920 e 30. *Cinearte* registrará e comentará vários filmes portugueses exibidos no Rio de Janeiro. “Muito regional”, “fraco e velho” são os termos mais encontrados nos comentários a esses filmes, alguns exibidos vários anos depois de sua produção. “É preciso que Portugal nos mande alguma coisa mais moderna e menos local” (*Cinearte*, 17-XI-1926). Na estética defendida pela revista, essas palavras significavam: filmes menos europeus e mais próximos da linguagem hollywoodiana.

Num comentário sobre os últimos filmes portugueses silenciosos exibidos no Rio de Janeiro, *Cinearte* destaca *Lisboa, crónica anedótica* (Leitão de Barros, 1930), “aceitável e de certa técnica”, que revela um diretor “conhecedor do assunto, embora

---

<sup>1</sup> Doutor pela Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo. Pós-doutorado pela Universidade Federal de São Carlos. Servidor público por quatro décadas na Cinemateca Brasileira.

dato à técnica europeia de fazer cinema”. A revista, contudo, que desde há tempos mantinha a seção “Cinema de Portugal”, seguia com atenção os acontecimentos cinematográficos lusitanos e demonstra alguma esperança: “Acreditamos que outros filmes portugueses, como *A Severa*, por exemplo, devolvam toda a confiança do público” (*Cinearte*, 1-IV-1931).

O comentário é relativo a filmes silenciosos portugueses. Mas isso não significa que até 1931 não houvesse no Brasil salas adaptadas para o cinema sonoro. A primeira sala sul-americana habilitada a exhibir filmes sonoros – o cinema Paramount, em São Paulo – foi inaugurada em abril de 1929 e daí por diante salas foram abertas em outras capitais de estados brasileiros. Nesse mesmo ano foi realizado o primeiro filme sonoro brasileiro, ainda com discos comuns de 78 rotações por minutos. *Acabaram-se os otários*, de Luiz de Barros. Outros viriam depois, já com discos do sistema Vitaphone.

A adesão do público ao cinema com sons foi imediata. As reticências foram por parte da crítica. Além do preço caríssimo dos equipamentos, os cronistas se preocupavam com o problema da língua. Ainda não existiam a dublagem nem as legendas para os filmes, todos falados em inglês. Admitia-se o filme sincronizado – com músicas, ruídos e poucos diálogos – mas não o inteiramente dialogado em inglês.

Uma das primeiras providências da indústria de Hollywood para manter o domínio americano do comércio internacional foi a produção filmes com versões em diferentes línguas. A Paramount instalou na França uma sucursal encarregada da produção dessas versões. Trabalhando 24 horas por dia, equipes sucediam-se num mesmo cenário, trocando apenas elencos – e houve filmes rodados em até 14 línguas. Em português foram feitos três filmes: *A Canção do berço* (Alberto Cavalcanti, 1930), *A Dama que ri* e *Minha noite de núpcias* (ambos de 1931, dirigidos por Emerich W. Emo). Exibidos no Brasil no primeiro semestre de 1931, não há dados que nos permitam saber ao certo qual foi a sua recepção pública. Permaneceram uma semana nos cinemas lançadores – prazo habitual para os filmes de programa. Apenas *Minha noite de núpcias* dobrou a semana, e a explicação talvez seja que o intérprete principal era o brasileiro Leopoldo Fróes, de grande sucesso no teatro brasileiro de comédia.

Um editorial de *Cinearte* afirma que “os filmes que a Paramount preparou com artistas portugueses deixaram muito a desejar” e a questão principal é que nenhum brasileiro teria percebido “patavina do que diziam lá no português de Portugal os encarregados da falação”. A revista conclui: “nós até gostamos muito, deveras, dos

nossos irmãos de além mar. Mas é que não mais conseguimos entendê-los” (*Cinearte*, 12-VIII-1931).

Tempos depois, essa opinião é corroborada por uma citação da revista portuguesa *Cinéfilo*: “O nosso público suporta um filme falado em francês, inglês ou alemão e nunca os falados em brasileiro”. Afirmação com a qual *Cinearte* concorda:

“Nós por aqui também não suportamos os filmes falados em português porque não entendemos absolutamente o que dizem, através dos aparelhos de reprodução da voz, os canastrões d’além mar. [...]

Assim, concordamos em gênero, número e caso com o articulista de *Cinéfilo*, cuja franqueza louvamos.

Eles não nos suportam. É justamente o que nos acontece a seu respeito.” (*Cinearte*, 16-XII-1931)

Uma primeira notícia sobre a exibição de *A Severa* no Brasil aparece no jornal *Noite*, a 2 de maio de 1933, que informa a chegada ao Rio de Janeiro de dois representantes da Sociedade Universal de Superfilmes, que traziam consigo “a primeira película falada na língua de Camões”, toda filmada em Portugal e sonorizada em Paris.

“*A Severa*”, de Júlio Dantas, era uma peça muito conhecida no Brasil. Segundo o historiador e crítico de teatro Lafayette Silva, sua primeira apresentação no Rio de Janeiro, teria se dado no teatro Apolo em 1902, com Ângela Pinto, a criadora da *Severa* no palco (*Correio da Manhã*, 23-IX-1931).

Em meados de maio de 1933, Amélia Figueiroa e sua companhia apresentam a peça original de Júlio Dantas no teatro República, do Rio de Janeiro. Posteriormente, com *A Severa* percorrendo os cinemas, temos a apresentação de *A Severa* no Democrata Circo pela companhia da atriz Margarida Sper, que interpreta a personagem principal (*Correio da Manhã*, 26/27-VII-1933). Essas apresentações no Democrata continuaram durante agosto e aconteceram simultaneamente não só à carreira comercial do filme pelos bairros, como aos espetáculos de Dina Tereza no palco do Alhambra e a uma encenação da peça pela atriz portuguesa Maria Helena Matos, no teatro Carlos Gomes. Maria Helena fazia carreira teatral e também cinematográfica em Portugal.

*A Severa*, o filme, teve uma exibição especial para a imprensa no sábado, 13 de maio de 1933, no cinema Odeon do Rio de Janeiro. Os elogios foram unânimes.

O comentário do decano crítico de espetáculos Mário Nunes, do *Jornal do Brasil*, de certa forma resume todos os demais. Ao relatar o início da projeção, confessa

o desânimo de ver que “lá estava, logo no início o grande defeito da cinematografia de outros países que não os Estados Unidos, a lentidão inútil, o repisamento...” Tudo muda quando aparece a Severa e as outras personagens:

“(...) costumes se revelam, corações palpitam, a psicologia estranha da heroína se patenteia e tudo com tanta verdade, tamanha sinceridade, tão perfeito equilíbrio que nos surpreendemos por mais uma vez a bater palmas, palmas de aplausos e de contentamento por não termos de desgostar amigos, nem mentir!”

Ele destaca os fados “cantados com expressão e sentimento”; os “cenários cheios de poesia”; Dina Tereza, “lindo tipo de mulher, cantora de fados que fará a colônia portuguesa delirar no dia em que vier ao Brasil” e praticamente todos os atores, inclusive os já conhecidos por haverem estado no Brasil. Destaca também “a nota grandiosa”: “a Tourada, a festa popular” que compara ao Carnaval no Rio, e os “aspectos da Mouraria”. Na conclusão, declara-se satisfeito: “É realmente, um imenso prazer poder elogiar sem violentar a consciência...” (*Correio de Manhã*, 24-V-1933)

*Cinearte*, posteriormente ao lançamento, comentou longamente *A Severa*:

“(...) apresenta qualidades que justificam o grande sucesso alcançado entre nós. (...) um filme bonito e intensamente poético. Como cinema, nenhuma novidade há a assinalar. O seu valor é todo como folclore, aspectos e músicas típicas – e por sinal a música é esplêndida. E como filme típico, com muito colorido nos aspectos fixados e nas reconstituições históricas, ele agrada.

Há luxo e cor local nas reconstituições. (...) Na tourada, nota-se que Leitão de Barros tem vontade de imprimir algo de cinema no filme. (...)

*A Severa* é um filme tão bonito que se lhe desculpa os defeitos. O filme tem uma grande poesia que se contagia ao público por meio de sua música. Os fados enfeitam admiravelmente o filme, desde o amor e o tipo cigano da Severa até a vida boêmia da Mouraria. (...) Leitão de Barros deve continuar, mas se fizer filmes com mais cinema triunfará mais depressa ainda.” (*Cinearte*, 15-VIII-1933)

Curiosamente, nenhum dos comentários sobre o filme menciona qualquer dificuldade de compreensão dos diálogos do filme. E isso parece não ter constituído o menor obstáculo para seu sucesso extraordinário.

A campanha publicitária de *A Severa* foi bastante razoável, mas não comparável ao constante e enorme investimento das empresas norte-americanas que operavam no mercado brasileiro.

No dia de lançamento do filme, 5 de junho, segunda-feira, houve uma sessão festiva, com convidados escolhidos no “alto mundo das letras, de mãos dadas com a elite da colônia portuguesa e a alta sociedade do Rio de Janeiro [...] em homenagem ao dr. Martinho Nobre de Melo, digno embaixador de Portugal, que estará presente” (*Correio da Manhã*, 4-VI-1933).



Imagem 1 – *Correio da Manhã*, 21-VI-1933.

*A Severa* ficou em cartaz exclusivo no cinema Odeon por quatro semanas, até 2 de julho de 1931.

No sábado, 1 de julho, sob a manchete “*A Severa* batendo todos os records”, informava-se:

“(...) 131 sessões, e podemos dizer que todas elas cheias, a abarrotar. Assim, bate o recorde da permanência e o de bilheteria sobre qualquer outro filme apresentado no Rio de Janeiro. E vai bater mais um recorde no próximo domingo, amanhã, seu último dia de exibição no Odeon, em que começará a primeira sessão às dez horas da manhã, não cessando mais até à meia-noite, quando terminará a sétima sessão desse último dia – permanecendo assim na tela, sem cessar, por dezesseis horas, o que filme algum jamais fez!” (*Correio de Manhã*, 1-VII-1933)

A empresa exibidora, a Companhia Brasil Cinematográfica, de Francisco Serrador, explicou que pretendia manter o filme por mais uma semana em cartaz, “retardando por esse espaço de tempo a apresentação de *Cavalgade*. A Fox, porém, (...) não concordou com a ideia”. Então a empresa – ciente de que os espectadores “não conseguiriam lugar apenas no Odeon, tomou a providência de hoje exibir o filme português também no Império”, onde as sessões de *A Severa* começariam a partir da matinê (*Correio da Manhã*, 2-VII-1933).

Na verdade, a multidão que se acotovelou na Cinelândia carioca desde a manhã do domingo “tornou-se superior à com que se contava. Quando uma sessão começava, já estava esgotada a lotação da que seria dada a seguir e continuava o público a chegar dos bairros servidos pelos bondes, bem como da zona suburbana” (*Correio da Manhã*, 4-VII-1933). Cambistas ofereciam ingressos a preços altos. A alternativa foi solicitar à Metro-Goldwyn-Mayer, que programava o Palácio Teatro, que cedesse suas sessões noturnas para a exibição do filme português. “A corrida foi imediata e, quando se abriram as portas” do Palácio Teatro “a lotação ficou logo esgotada. Àquela hora, em três cinemas diferentes, sem um lugar vazio, em nenhum deles, exibia-se o mesmo filme! Era um fato único nos anais da cinematografia brasileira” (Ibidem).

O acontecimento mereceu de R. Magalhães Jr., da Academia Brasileira de Letras, o artigo “O sucesso de *A Severa* e sua significação”, onde ele considera o filme:

“(...) um acontecimento verdadeiramente sensacional na presente temporada cinematográfica. [...] não houve, nestes últimos anos, outra película que representasse um êxito tão completo de bilheteria. (...)”

O êxito da *A Severa* tem uma significação especial. Constitui, antes de tudo, uma lição para os cineastas brasileiros, iludidos até agora nas suas tentativas e cujo esforço se desenvolve sempre no sentido de imitar o cinema americano.

(...) o aproveitamento inteligente das canções típicas, dos costumes populares, com a rudeza e ingenuidade características, sem nenhuma preocupação de embelezá-los artificialmente, interessa ao público mais que as aventuras de um almofadinho que dirige uma barata de 40 H.P. e de uma jovem enfatuada que se deixa seduzir sob a promessa de casamento futuro...” (*A Noite*, 4-VII-1933)

*A Severa* ficou no Eldorado, também no centro do Rio de Janeiro, 13 de julho até o final do mês e, em seguida, começou a percorrer as salas de bairros.

Em São Paulo, ficou a semana de lançamento na Sala Vermelha do cinema Odeon (de 19 a 25 de junho) e depois foi para o São Bento, no coração da cidade, onde ficou até o início de julho. O filme permaneceu em salas mais ou menos centrais até o final de agosto e, paralelamente, foi exibido no Brás Politeama. A presença de Dina Tereza na cidade provocou a reprise da fita em várias salas da Empresa Serrador, inclusive no Odeon. As reprises do filme serão constantes em São Paulo e no Rio de Janeiro nos anos seguintes.

De acordo com a programação publicada nos jornais, as rádios tocavam incessantemente os fados e as canções d'*A Severa*. Os anúncios de discos da Victor com músicas do filme, orquestradas ou cantadas pelos intérpretes da película, são constantes e lembram que os discos servem como “uma autêntica recordação da fita portuguesa” (*Correio da Manhã*, 6-VIII-1933). Além dos discos, a Casa Mozart, de partituras, anunciava os “Fados da Severa” em “edições portuguesas luxuosíssimas”<sup>2</sup>.

O sucesso do filme repercutiu mesmo nas páginas de turfe, onde se informou com destaque que a premiadíssima égua Lindóia passara a se chamar Severa (*Correio da Manhã*, 29-VIII-1933).

Em meados de agosto de 1933, com *A Severa* em plena carreira, anuncia-se que Dina Tereza iria ao Rio de Janeiro, contratada por Francisco Serrador para se apresentar no palco do cinema Alhambra (*Correio da Manhã*, 19-VIII-1933). A notícia informa que Dina Tereza, além de fados, “canta também lindas canções regionais portuguesas que, nos palcos de Lisboa, já lhe têm granjeado tantos aplausos” (Ibidem).

*A Noite*, jornal carioca associado à excursão de Dina Tereza ao Brasil, entrevista a atriz em Lisboa (*A Noite*, 23-VIII-1933) e seu suplemento ilustrado dedica páginas e uma capa a Dina Tereza, ainda antes de sua chegada ao Rio de Janeiro (*A Noite Ilustrada*, 23/30-VIII-1933).

Dina Tereza mereceu “recepção flamante” ao desembarcar no Rio de Janeiro, e “magniloquente” quando o comboio que a transportava do Rio chegou à Estação do Norte, em São Paulo (*A Noite Ilustrada*, 30-VIII-1933; *Correio de São Paulo*, 28-IX-1933).

O navio em que viajava foi recepcionado por “inúmeras embarcações embandeiradas e cheias de gente (...) aclamando a estrela do écran lusitano”. A multidão invadiu o cais. Ao desembarcar, a atriz foi recebida com uma chuva de “flores naturais” (*A Noite*, 25-VIII-1933).

---

<sup>2</sup> Um primeiro anúncio foi publicado no *Correio da Manhã*, 12-VIII-1933.

A temporada no Rio prolongou-se por um mês. Em São Paulo, mais um mês e meio. Em uma das noites cariocas, Dina Tereza foi homenageada pela Fábrica de Cigarros Sudan, que lançara no mercado os cigarros marca “Severa”, e recebeu uma valiosa joia confeccionada pela Joalheria A Rosa.

A festa de despedida de Dina Tereza do Alhambra do Rio, com a presença do embaixador de Portugal, reuniu o que havia de melhor na música popular do Rio de Janeiro, já então a capital do samba. Entre outros, Almirante e o Bando da Lua. Aurora Miranda, que dois anos depois gravaria o famosíssimo “Cidade maravilhosa” (André Filho), cantou com Dina Tereza a marchinha “Cai, cai balão”, de Assis Valente (*Correio da Manhã* 26-IX-1933).

A estreia de Dina Tereza em São Paulo provocou uma das poucas críticas encontradas sobre seus espetáculos ao vivo, crítica publicada sob o título “Dina Tereza, a inigualável”.

“(…) o Odeon, sala azul, foi ontem pequeno, muito pequeno mesmo, para conter a multidão que desejava rever a película e conhecer, em pessoa, a protagonista. Quando Dina Tereza apareceu no palco, decorado a caráter, e vestida à Severa, num rico traje prateado, o público prorrompeu numa salva de palmas, verdadeiro delírio apoteótico. E Dina Tereza cantou. Cantou e fez marejar olhos. (...) Foi um delírio. A sala azul do Odeon parecia movida por uma só força, força que estrugiu em palmas e aclamações. (...) Ao terminar, recebeu Dina Tereza flores, muitas flores.” (*Correio de São Paulo*, 29-IX-1933)

Dina Tereza foi homenageada em São Paulo por clubes da colônia portuguesa e pela Associação Nacional de Excursões e Turismo com uma recepção realizada no 26º andar do edifício Martinelli, o primeiro arranha-céu construído na América do Sul e motivo de incomensurável orgulho dos paulistas pela modernidade que simbolizava. De seu último andar – o 26º – podia-se ver praticamente toda a cidade “que mais crescia no mundo”.

Em São Paulo, tradicionalmente mais sisuda do que o Rio de Janeiro, a festa de despedida de Dina Tereza da sala Azul do Odeon contou com a participação do Orfeão do Clube Português e com a presença de Procópio Ferreira, ator brasileiro de imenso prestígio. Mas, mesmo em São Paulo, Dina Tereza não deixou de cantar a marchinha “Cai, cai balão” (*Correio de São Paulo*, 24-X-1933).



De volta ao Rio de Janeiro em meados de novembro de 1933, Dina Tereza apresenta-se novamente no Alhambra, agora em companhia de António Luiz Lopes, o intérprete do conde de Marialva n'A *Severa*, que estava no Brasil para apresentar seu *Campinos do Ribatejo* e tentar uma coprodução luso-brasileira, além de fazer espetáculos e dar aulas de tauromaquia.



Imagem 2 – *Correio da Manhã*, 23-XI-1933.

A 23 de novembro realiza-se a festa de adeus do Brasil de Dina Tereza<sup>3</sup>, e novamente a música popular brasileira se faz presente com o Bando da Lua e a menina Dirce de Oliveira, que se celebrizaria com o nome de Dircinha Batista.

Um texto que reflete sobre a espécie de coqueluche portuguesa que invadiu o Brasil no segundo semestre de 1933 em virtude do filme *A Severa* foi publicado num jornal de São Paulo, infelizmente sem assinatura. Diz ele a certa altura:

“Nós agora estamos patrioticamente portugalizados. É a *Severa* pra um lado, a Dina Tereza pra o outro, a Adelina Fernandes pra cá e o fado no rádio, que é uma *buleza a veira mare plantada*...

<sup>3</sup> Adeus provisório, porque muitos anos depois Dina Tereza se fixaria no Brasil, até sua morte, em 1984, em uma cidade do interior do Estado de São Paulo.

Houve um tempo em que quase nos havíamos esquecido das coisas boas de Portugal, e era só francês pra ali, americano pra acolá, inglês pra acolí e espanhol pra lá!

Agora não! Voltamos às coisas do velho país irmão e estamos todos babando pelos ovos moles d’Aveiro, pelo paio de Lamego e pelos pastéis de Santa Clara. É a gente amiga de todos os tempos, falando do mesmo modo e sentindo quase igualzinho”. (*Correio de São Paulo*, 9-IX-1933)<sup>4</sup>

De acordo com estatísticas divulgadas pelo então Ministério de Educação e Saúde, em 1933 existiam no Brasil 1600 salas de cinema. Dessas, 600 estavam aparelhadas para exibir filmes sonoros. Havia Estados sem nenhuma e em muitos as havia apenas nas capitais.

As pesquisas regionais ainda não foram feitas, mas muito provavelmente *A Severa* foi exibido em boa parte dessas 600 salas equipadas.

O estudo da recepção ao filme levanta várias questões. Comparando seu sucesso ao aparente fracasso das versões em português feitas pela Paramount, verifica-se que a relação do público com os filmes sonoros não era limitada pela diferença do português falado por atores – brasileiros ou portugueses – a despeito da opinião inicial dos críticos.

Por outro lado, o sucesso d’*A Severa* de certa forma abriu uma estreita e fugaz brecha para o cinema português no mercado brasileiro. Embora a iniciativa de António Luiz Lopes de produzir o primeiro filme luso-brasileiro não tenha resultado, os filmes falados portugueses exibidos depois d’*A Severa* tiveram boa recepção de público (e não apenas da colônia portuguesa) e de crítica: *A Canção de Lisboa* (Cottinelli Telmo, 1932), exibido em dezembro de 1933; *As Pupilas do senhor reitor* (Leitão de Barros, 1935), exibido a partir de maio de 1935; *Gado bravo* (António Lopes Ribeiro, 1934), exibido em setembro de 1935. Destes, apenas o novo filme de Leitão de Barros teve um sucesso comparável ao d’*A Severa*. Talvez fosse melhor dizer um sucesso maior, porque ficou seis semanas em exibição no cinema Alhambra, no Rio de Janeiro. A afirmação, em todo caso, necessita de confirmação por pesquisas ulteriores.

---

<sup>4</sup> O texto foi publicado na coluna “Traços e traças”, não assinada. O grifo é meu.